





VONTADE
FORÇA

Fintar o destino

Existem pessoas que levam tudo à frente. Que conseguem ir buscar forças a um lugar recôndito para fazer face às adversidades da vida. Aqui lhe contamos cinco histórias extraordinárias. **TEXTOS DE KATYA DELIMBEUF FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO**

Marta Canário

Vontade
à prova de bala

A MIÚDA GIRA da fotografia poderia vender cursos de optimismo. A ironia é que Marta Canário é paraplégica desde os 15 anos. A questão quase parece ganhar dimensões de pormenor diante da energia e do espírito positivo com que ela fala, gesticula e ajeita o cabelo, no seu pecado assumido — a vaidade. Não admira: foi sempre uma mulher bonita, habituada ao assédio dos homens, antes e depois do acidente. Sempre namorou e tentou manter uma vida normal. Esse foi parte do segredo para a sua auto-estima ter “crescido” de forma tão saudável: nunca deixou de fazer nada por ter “um adereço” suplementar — a cadeira de rodas. Aquilo que teria sido para muitos uma sentença de morte foi encarado por ela como um obstáculo a ultrapassar.

Nunca deixou de sair à noite nem de ir à discoteca com os amigos — “durante anos, às quintas, sextas e sábados”; de conhecer os porteiros, que muitas vezes eram quem levava a cadeira escadas acima; de ir à praia, e ao banho; de se divertir. Nunca baixou os braços, nem parou de lutar. Tirou um curso superior, de Comunicação Social, como sempre sonhara, procurou emprego, e arranjou um, do qual ainda se orgulha. Veste por completo a camisola. É assessora de imprensa da Novabase, empresa líder na

MARTA CANÁRIO VIVE (BEM) COM A SUA CADEIRA DE RODAS DESDE OS 15 ANOS. CONTINUOU A LEVAR A VIDA MAIS NORMAL POSSÍVEL. HÁ 5 ANOS, UMA SEPTICÉMIA IA-A LEVANDO DE VEZ. É UMA PESSOA SURPREENDENTEMENTE OPTIMISTA

área das tecnologias. E até aí conseguiu transformar a sua limitação numa vantagem competitiva.

Tanta garra e brilho no olhar surpreendem quando se sabe que esta pessoa enérgica já esteve “várias vezes para ir conhecer o ‘barbudo’...”, nas suas próprias palavras. Marta não perde a pose, o sentido de humor, a capacidade de relativizar os problemas e de ver o lado positivo de tudo. A começar pela família, pilar fundamental no seu equilíbrio e bem-estar. Esta é uma “casa de mulheres”, principia. “As Canárias” são ela, a irmã, ano e meio mais velha, e a mãe, com quem vive — e tenciona viver para sempre. De há seis anos para cá, chegou mais uma menina: a sobrinha, Carlota, através de quem Marta descobriu uma enorme felicidade. O pai, com quem a mãe foi casada 25 anos, esteve presente nos primeiros anos após o acidente — mas afastou-se, gradualmente.

Foi num contexto familiar coeso que Marta cresceu, até ao acidente e depois do acidente. Mãe e irmã carregavam-na ao colo e às cavalitas por três lances de escadas durante os mais de dez anos que viveram num prédio em Alvalade sem elevador. Nunca se queixaram. Tantas vezes que se lembra de regressar de saídas à noite com a irmã — de saltos altos, por vezes já com uns copos a mais, e de caírem as duas nas escadas, entre risos abafados para não acordar as velhotas e a vontade de se escangalharem a rir à gargalhada...

Um banho fatídico. Marta tinha 15 anos quando a vida mudou. Era um dia frio de Inverno, e apeteceu-lhe aquecer-se com um banho de imersão. Um esquentador dentro da casa de banho ditou-lhe uma “sorte” diferente. Não morreu, como 99% das pessoas intoxicadas com monóxido de carbono, mas o gás alojou-se na coluna, retirando-lhe o movimento das pernas. Como o caso era inédito, não havia certezas no diagnóstico. Isso foi mantendo a esperança. Um dia, quem sabe, poderia voltar a andar...

Na altura do acidente, Marta tinha um namorado há escassos dois meses. Mantiveram-se juntos nos sete anos seguintes. “Se eu já era popular, ainda me tornei mais”, conta. “Tinha um grupo de amigos grande, era namorada. E continuei a ser eu: a arranjar-me, a ser gira, a ter piada, a ter rapazes atrás de mim...” Foi com esse primeiro amor que Marta se iniciou sexualmente. “Havia intimidade. Eu sou a prova viva de que é possível haver prazer sem haver muita sensibilidade”, partilha. Gostaram muito um do outro, mas passados sete anos, ela achou que ele merecia mais. Daí para cá, Marta teve mais um ou dois namo-

rados — mas admite que se defende muito. Não se quer magoar. Garante que nunca sonhou em casar e ter filhos, mas não põe de parte a ideia de adoptar uma criança mais velha, “daquelas que vão ficando nas instituições”.

Depois, há o trabalho, outra parte essencial na felicidade de Marta — que ela vive com muita dedicação. Há mais de dez anos que é assessora de imprensa da Novabase. “Conquistei aquele lugar porque mereço”, diz, sem hesitar. “E porque não tremi na entrevista.” Marta até transformou uma aparente desvantagem num ponto a seu favor. Convenceu o empregador de que os jornalistas dificilmente se esqueceriam de alguém com as suas características. “Consgo sempre aquilo que quero”, admite. Hoje, trabalha 90% do tempo em casa e desloca-se à empresa uma vez por semana, para não estar sentada o dia todo e torneir assim o problema das escaras (feridas que se criam por falta de mobilidade) que a atirou, há cinco anos, para uma cama de hospital, durante seis meses. Uma septicémia fê-la correr risco de vida. “Foi o momento mais difícil de sempre, o mais perto que estive de uma depressão. Tinha dores, estava magérrima. A minha mãe foi avisada três vezes que eu ia morrer.” Nunca aceitou.

Nessas alturas, de onde vem a força? “De acreditar que ainda não era a minha hora”, afirma. Nem então Marta deixou de fazer reuniões por videoconferência, de despachar *e-mails* de trabalho, sempre de computador portátil ao colo. Tão pouco faltaram os boiões de creme à sua cabeceira, no hospital, ou os colares pendurados na estrutura do soro... “Sempre tive a capacidade de dar a volta. Acho que o segredo é este: levar um dia de cada vez.”

“Sinto-me uma privilegiada”, diz Marta. “Sou uma mulher gira, interessante, que consegui vingar, independentemente de estar numa cadeira de rodas. E nunca senti a discriminação na pele.”

Milton Lopes

O que são uns quantos dedos para um actor?

UM DIA, O TELEFONE tocou e do outro lado estava o realizador Fernando Lopes, dizendo que o queria para o papel de “Maneta”. Milton começou por não acreditar. Depois, lá se convenceu que sim, era possível ser Fernando Lopes do outro lado do aparelho. A personagem era a de um mulato maneta de voz meiga. Três características que lhe assentam como uma luva. Milton Lopes nasceu sem dedos na mão esquerda, mas isso não o impediu de se afirmar como actor, nacional e internacionalmente. Nesse papel que desempenhou em “O Delfim”, saiu-se tão bem que ganhou o prémio de Melhor Actor no Festival de Cinema de Angra do Heroísmo. Ironias do destino. Teve medo de ficar rotulado, preso a essa característica física. Não ficou. Seguiram-se inúmeros convites. Fez três novelas, telefilmes e, depois, uma peça no Festival de Edimburgo, na Escócia. Conheceu actores ingleses, que lhe perguntaram se não gostaria de tentar a sorte em terras de Sua Majestade. Lá, foi abordado por uma encenadora da Graeae Theater Company, uma companhia de teatro que só trabalha com actores com deficiência. “Precisavam de um actor negro. Ao princípio, houve um certo desconforto da minha parte”, explica. “Primeiro, porque nunca tinha trabalhado com deficientes. Depois, porque eu próprio nunca me tinha encarado como tal.”

Há dois anos que Milton vive em Londres. Há 11 que é actor. E confessa ter-se sentido mais vezes discriminado pela cor da pele do que pela deficiência com que nasceu. “Mesmo na escola, fui mais vezes ofendido pela minha raça do que por não ter dedos”, garante. Tudo parece começar na forma como Milton olha para si mesmo. “Nunca encarei a minha diferença como uma desvantagem, mas como uma característica. Aliás, quando fiz 18 anos, a minha mãe perguntou-me se eu queria pôr uma

prótese e respondi-lhe que não. Não me via com dedos... Faço de modelo nu desde a Faculdade (cursou Estudos Teatrais, em Évora), sempre estive à vontade com o meu corpo”, assegura. Para ele, “em palco, não muda nada o facto de não ter dedos. Era preciso ser muito mau actor para que o espectador reparasse na minha mão enquanto represento”, afirma.

Até agora, não sentiu limitações nos papéis que lhe deram: “As últimas personagens que fiz em Inglaterra eram muito sexuais. Dei vida a um galã romântico e um assassino, um homem forte”. Não acha impossível fazer de Romeu no clássico de Shakespeare nem de Tom Cruise em “Top Gun”. Aliás, só ao fim de um ano a sua agente inglesa lhe falou na questão da mão, para lhe perguntar se estaria interessado em participar numa série de ficção com pessoas portadoras de deficiência. E nunca informa os realizadores desse aspecto quando lhes liga.

É claro que já houve situações em que a questão se colocou. “Numa novela em televisão, houve a preocupação de não filmar de certos ângulos, mas depois, a minha mão foi assumida naturalmente, sem ser justificada no guião. Doutra vez, uma agência nova disse-me claramente, depois de me pedir para ver a mão, que não ia ser fácil arranjar-me trabalho. Eu já tinha feito trabalhos impor-

tações, já tinha ganho prémios, e vim-me bastante abaixo”, conta. Mas o mais difícil foi um período de cinco meses que esteve sem trabalhar, sem perceber porquê. Foi nessa altura que começou a praticar budismo, que aprendeu a dominar-se e a acalmar-se. “É óbvio que a minha mão é um medo que levo sempre para uma audição, mas tento não pensar nisso. Posso sentir-me como um copo a tremer, mas faço por não me esquecer que existe

uma mesa sólida por baixo”.

“Sei que tenho uma grande determinação e que não desisto facilmente”, diz. “Acho que todas as pessoas a têm, apenas não o sabem. Os meus pais sempre me ensinaram a ir atrás das coisas. Nada é impossível”, considera. “Posso mesmo dizer que tenho uma enorme gratidão pela minha mão. Se não tivesse nascido assim, talvez fosse vaidoso e cheio de soberba. Desta forma, sou mais equilibrado.”

É ACTOR HÁ 11 ANOS, APESAR DE TER UMA MALFORMAÇÃO NA MÃO ESQUERDA QUE À PARTIDA LHE RETIRARIA TRABALHO. MAS MILTON SINGROU, DENTRO E FORA DE PORTAS





NASCEU POBRE E COMEÇOU A TRABALHAR AOS 13 ANOS. ENGRAVIDOU CEDO E CRIOU A FILHA SOZINHA. PASSOU FOME. HOJE, TEM O SEU NEGÓCIO E A FILHA A TIRAR O MESTRADO

Adília Gonçalves

Passou fome, mas nunca desistiu

AOS 9 ANOS, já tomava conta de crianças mais pequenas. Aos 13, começou a trabalhar. Aos 17, engravidou. Aos 18, descobriu o que era passar fome. Durante cinco anos, viveu separada da filha para trabalhar e ganhar dinheiro. Hoje, tem um negócio dela, e a filha a tirar o mestrado em Lisboa. Não há nada que não se consiga desde que se queira, considera Dila, que não deixa nada a meio — nem sequer uma camisola.

A vida de Adília Gonçalves está longe de ser um conto de fadas. Quanto muito, está próxima da história da Gata Borracheira. Nascida numa família pobre, partilhava a mesa com dois irmãos. Os pais separaram-se tinha ela 8 anos. A mãe era vítima de maus tratos, e Dila — como lhe chamam os mais próximos — ainda assistiu a umas quantas cenas que não devia, como uma em que o pai, alcoolizado, queimou roupa, brinquedos, e uma Nossa Senhora no quintal... Selado o divórcio, a guarda das crianças ficou atribuída à mãe. Se o ambiente familiar melhorou, as dificuldades económicas acentuaram-se. Dila cresceu depressa. Findo o 6º ano (a escolaridade obrigatória), o caminho era um só: ir trabalhar. Foi para o sítio que mais gostava: o cabeleireiro. Tinha 13 anos. Até hoje, 25 anos mais tarde, esta seria a sua única ocupação.

Aos 15, Dila conheceu o pai da futura filha, Tânia. Um ano de namoro volvido, engravidou, por acidente. O casal juntou-se quando a menina nasceu. E só a partir desse momento Dila percebeu o quanto não conhecia o companheiro. O estilo de vida noctívago que este levava por sistema rapidamente cavou um fosso a nível familiar. “Não era feliz”, resume. “Sentia-me num poço muito fundo, do qual não via saída. Rezei muito para que Deus me tirasse de lá.” É muito católica. Nos momentos difíceis, é à fé que se agarra para tentar explicar o que não entende. Mesmo que não perceba logo, acredita que “todo o sofrimento tem um propósito”.

Três anos decorridos a tentar mudar o marido, Dila percebeu que ninguém muda ninguém. Um dia, decidiu fugir — de tudo.

Lembrou-se da Madeira. Sem emprego nem dinheiro, os avós convenceram-na a deixar a filha com eles, por não ter condições para a criar. Antes de partir, passou dias sem ter o que comer. A isto se chama fome.

Chegada à Madeira, sem um tostão nem um conhecimento, estava a trabalhar no cabeleireiro do Funchal que mais gostava ao fim de três dias. “Por isso digo sempre que o que quero, consigo.” Três meses depois, convidaram-na para um hotel de 4 estrelas com spa. Ali ficou quatro anos e meio, com telefonemas diários para a filha, que terminavam sempre a chorar, mas com a certeza de que era ali que tinha de estar.

Com o passar do tempo, Dila percebeu que seria difícil arranjar condições para trazer a filha, e regressou a casa, com ideias de abrir o seu próprio salão. “Ninguém acreditava na abertura do meu cabeleireiro”, conta. Ninguém a apoiou. Mas ela pediu um empréstimo ao banco e foi para a frente, em 2000. O salão foi um sucesso — ainda hoje é. Chegou a ter sete empregadas. Mal pôde, foi buscar a filha aos avós, depois de sete anos de afastamento.

Já crescida, Tânia veio estudar para Lisboa. Licenciou-se em Design, no IADE, e está a tirar o mestrado. As despesas dispararam. Mas Dila fez questão que a filha tivesse as oportu-

nidades que ela não teve. “Casa e carro têm de ser os filhos a conquistar, mas o curso superior — que ao todo custou 60 mil euros, se calhar, o preço do meu apartamento —, tenho todo o gosto em oferecer”, diz. Nem por um momento considera a hipótese de a filha não arranjar emprego, no fim dos estudos. “Nunca penso negativo.”

Quanto a ela, agarra tudo quanto é curso e formação do Novas Oportunidades. Tirou um curso de gestão, outro de inglês, outro de informática, outro de formação de formadores... Feita a equivalência ao 12º ano, sonha agora com o curso superior que fará quando a filha sair da faculdade... “Ainda tenciono tirar a minha licenciatura em Psicologia”, diz ela, que trabalha “domingos e feriados” e não tem férias há 9 anos. E quando embarcar nessa aventura, é para ir até ao fim, que Dila não gosta de deixar nada a meio. “Nem uma camisola de lã deixo por acabar. Mesmo que as costas me estejam a matar... Aliás, quanto mais as costas me estiverem a doer, mais pressa eu tenho de acabar a camisola.” Não tem dúvidas que tem mais força de vontade que a maioria. “Vejo muita gente resignada. Sem ânimo.” E garante: “Não mudava nada na minha vida. Nem as partes más. Foram elas que fizeram de mim quem sou.”

Paulo Vieira

Do bairro social para o mundo

VIVEU TODA A VIDA num bairro de “barracas”, desordenado, precário e de má fama: o 6 de Maio, na Amadora — conhecido pelas rusgas, o tráfico de droga e os disparos que “ocasionalmente” faziam baixas mortais. Paulo Vieira cresceu com tudo isto — e com a condição, às vezes, de não poder sair de casa por haver um cordão policial à volta do bairro. Mas isso não o impediu de acreditar que não tinha de seguir o mesmo trilho de todos à sua volta. Foi alvo de preconceito, mas nunca escondeu que vivia no 6 de Maio — também nunca fez disso bandeira. Não acha que faça sentido o sítio onde se mora vir antes da pessoa. Tão pouco achou que fizesse sentido olhar para si mesmo como vítima — “Para isso, bastavam os outros”, diz. Aos 30 anos, Paulo é coordenador do programa Escolhas, no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Este mês, muda-se para a sua primeira casa fora do bairro.

Filho de pais cabo-verdianos, Paulo nasceu e viveu toda a vida no 6 de Maio, “um bairro onde há droga, criminalidade, rusgas, tiroteios... Vi muita gente ser presa. Outras serem mortas. Apesar disso, tive uma infância feliz, com os meus irmãos”, conta, com uma voz calma. “Somos cinco — quatro rapazes e uma rapariga. Vivíamos num extremo do bairro, por isso escapávamos mais aos problemas. Brincávamos muito num jardim em frente a casa, com os brinquedos que construíamos — bolas de futebol, fisgas...”

A partir dos 10 anos, Paulo começou a perceber melhor o que significava “viver no bairro”. “Primeiro, ganhamos consciência de que somos um grupo minoritário. Depois, na escola, é-se alvo de discriminação. Os professores tinham pouca tolerância para as crianças que falavam crioulo, por exemplo.” Ouviu várias vezes que a escola

não era lugar para “língua de preto”. Na faculdade, foi alvo de preconceito: “Muita gente questionava que uma pessoa que vivesse no bairro 6 de Maio tivesse competências para estar ali...”, recorda. E em contextos profissionais, também se sentiu discriminado: “Há pessoas que, pela minha origem africana, não estão à espera de ouvir alguém com raciocínio lógico, que fale bem.”

O primeiro momento decisivo na vida de Paulo foi aos 12 anos, quando o pai faleceu. A mãe não trabalhava — estava em casa a tomar conta dos filhos —, e os dois irmãos mais velhos viram-se na obrigação de se “fazerem à vida”. Um seguiu para as obras, aos 16, outro foi fazer móveis por medida. Paulo sentiu a pressão da falta que um par de braços adicional fazia no orçamento familiar. Mas também já tinha noção do que a ausência de estudos representava na vida de uma pessoa. Lembra-se bem do “emagrecimento” das turmas, do ciclo para o liceu e para o 10º ano, e dos empregos precários que os vizinhos iam arranjanando, na construção civil, nas limpezas... Resistiu. Fez a escola até ao 12º ano, e acumulou com um curso de Animação Social. Entretanto, começou a trabalhar numa ONG na Amadora, na área do VIH/Sida.

Decidiu-se pelo curso de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental, do ISPA, uma faculdade privada. Não seria fácil, mas com o trabalho na associação conseguia pagar as mensalidades. Ainda se lembra das resistências quando contou que ia para a faculdade... “No

bairro, os estudos não eram valorizados, considerava-se que não serviam para nada... Outros achavam que eu estava a sonhar demasiado alto, que não era algo que pudesse almejar... Não havia ninguém na família com um curso superior. Mas Paulo foi em frente. Teve sempre a certeza de que se licenciaria. Não só o fez como conseguiu 19 valores na tese. Então, a família comemorou muito.

“Quando acabei o curso, senti orgulho e dever cumprido. Mas para quem trabalha e estuda, houve muito sacrifício pessoal”, conta. “A força de vontade foi fundamental. Tem a ver com a minha forma de ver a vida, de não me acomodar e estar atento aos problemas à minha volta, olhando para eles como desafios.” Profissionalmente, depois de dez anos na Associação, a coordenar projectos nacionais e internacionais, foi delegado das ONG na ONUSida, que congrega todas as organizações que trabalham a problemática do VIH. Tanto tinha reuniões em Genebra como em Nova Iorque ou em Lusaca. Isso deu-lhe traquejo. Até chegar aqui, ao Alto Comissariado.

Este mês, muda-se com a mãe para a casa nova, na Amadora, um apartamento grande, de 180m², com um espaçoso terraço de 70 m². A casa de cimento do 6 de Maio fica a uns metros, desabitada. É o fim de um ciclo. A provar que os padrões também se quebram.



PAULO VIEIRA VIVEU TODA A VIDA NO 6 DE MAIO, UM BAIRRO PROBLEMÁTICO DA CAPITAL. VIU MUITA GENTE SER PRESA, ATÉ MORRER. O SEU CAMINHO NUNCA TRILHOU POR AÍ



NUNO RAIMUNDO
QUASE MORREU NUM
GRAVÍSSIMO ACIDEN-
TE DE MOTO. HOJE
FAZ QUASE TUDO
SOZINHO. SÓ (AINDA)
NÃO ANDA

Nuno Raimundo

O rapaz coragem

O SEU SORRISO é contagiante, como a sua força de vontade. Nuno é também um vencedor, e um exemplo. Funcionário da Auto-Europa, segurança em discotecas da margem Sul e fã de culturismo, sempre teve um porte atlético e corpo bem musculado. Aos 26 anos pesava 110 quilos. E vivia a vida intensamente. Adorava andar de moto e os *gadgets* fascinavam-no. No fatídico dia 27 de Outubro de 2007, quando saía do trabalho para ir jantar a casa e substituir o fato-macaco pela roupa da moda, teve um gravíssimo acidente de moto. Quase morreu. Sofreu várias paragens cardíacas e teve que ser reanimado sete vezes. Depois renasceu para a vida. Uma vida diferente, que parecia destinada a ser passada em cadeira de rodas. Nuno quis dar a volta ao destino de forma tão radical como o destino tinha dado a volta à sua própria existência. Naquele dia seguia de moto para casa, pelo caminho habitual. Sem estar sinalizada deparou-se com a construção de uma lomba de alcatrão. A obra ainda não estava completa, era como se fosse um bloco de betão. Quando a moto bateu voou. Depois foi de encontro aos carros, bateu numa parede e com a cabeça num chafariz. Partiu o maxilar, o pé, a perna esquerda, o braço, o fígado e teve um traumatismo crânio encefálico. Os médicos chegaram a dizer aos pais que provavelmente o seu filho iria morrer. Ficou dois meses em coma. Perdeu a fala, a memória. Usou fralda, comeu por sonda, chegou aos 46 quilos. Só gritava. Ficou internado no Hospital do Barreiro três meses. Durante todo esse tempo, ficou na cama, em posição fetal, num quarto isolado, para ter maior tranquilidade. As células cerebrais precisavam de se regenerar. “Penso que o facto de ter estado tão sozinho, me fez bastante mal. Hoje tenho a sensação que estive numa solidária. Que fui muito infeliz.”

Nuno lembra-se do dia em que acordou do coma. A mãe estava ao seu lado. “Olhei para ela e estranhei aquele sítio. Entrei em pânico. Não parava de perguntar onde estava. O que fazia ali.” Não tinha noção do acidente, nem do tempo que já passara. Perdeu todas as capacidades cognitivas. Nesse parêntesis de

clareza perguntou pela namorada. “Soube que me tinha abandonado.” Nuno também se lembra do dia em que pela primeira vez a mãe o pôs à janela para ver a rua, e do dia em que o amigo Miguel Corte Real o visitou. Lembra-se do choque estampado na cara do amigo quando o viu naquele estado. “Reconheci-o. Chamei-o pelo nome. Agarrei-me ao seu pescoço e chorei imenso. Cheguei a pedir que me tirasse dali para fora.”

Lutar até à recuperação. Uma semana depois dessa visita foi transferido para o Centro de Reabilitação de Alcoitão. Quanto lá chegou quase não falava, e praticamente não se mexia. “Não sabia onde estava. Apesar de me terem colocado numa cadeira de rodas, passava o dia praticamente deitado. Com o corpo e a cabeça atada para não caírem. Só via tecto e paredes.” Mais tarde a terapeuta ocupacional, Lúcia Norberto, arranjou-lhe uma cadeira especial, com cintos para lhe segurar corpo e cabeça. Em Alcoitão encontrou a sua segunda família. “Não os vejo só como profissionais. Vejo-os como amigos.” Quando aqui chegou não permitia que ninguém lhe tocasse. Se alguém se aproximava gritava. Chegou a dizer que não queria saber da recuperação para nada. Que estava bem assim.

Tudo mudou quando foi passar o primeiro fim-de-semana a casa. “Foi nesses dias que tive noção, pela primeira vez, das minhas deficiências, limitações e cicatrizes. Quis sair com os meus amigos. Não pude. Revoltei-me. Senti-me muito

inferior. Apeteceu-me fumar um cigarro, mas nem isso consegui. Percebi então que era totalmente incapaz e dependente de terceiros.” Depois da revolta veio a força, a vontade férrea de voltar à vida. Quando regressou a Alcoitão disse ao fisioterapeuta que estava disposto a lutar. “Jurei que nunca mais iria gritar. E nunca mais o fiz. Continuo a ter dores infernais, mas nunca mais me queixei. Nunca mais gritei.” Pediu que lhe arranjassem uma cadeira onde pudesse estar sentado. O facto de conhecer bem o seu corpo — porque sempre fez ginástica — também o ajudou na recuperação. Desde então já foi operado sete vezes. Ao fígado, ao pé esquerdo, que esteve em risco de ser amputado, à perna esquerda e à direita, ao braço direito, à mão, ao maxilar. Na fisioterapia as dores são, ainda hoje, insuportáveis. “São dores que nunca imaginei ter. Mas sou forte. Sei que aguento. É por mim. Tenho vontade. Talvez isso seja uma coisa genética. A minha mãe é assim. Nunca desistiu de mim. Nunca lidou comigo como se eu fosse um deficiente. Sempre me tratou como se o seu filho continuasse normal. Quando estava na fase vegetativa e me babava muito, ela ralhava comigo. Nunca me fez sentir um coitadinho. Isso ajudou-me muito.”

Passados mais de dois anos do acidente, Nuno já come sozinho, calça os sapatos, faz a barba, tem perfil na Hi5, no Facebook, tira fotos, abana o capacete. Ocupa parte do seu tempo a escrever a sua história. Quer publicar um livro. Consegue ter uma vida quase tão activa como antes. “Faço tudo sozinho. Só não ando.” E está prestes a ser pai. ■

CÂNDIDA SANTOS SILVA
cssilva@expresso.imprensa.pt



VEJA O VÍDEO
[www.expresso.pt/
expressotv](http://www.expresso.pt/expressotv)